

CUIDADOS DE ENFERMAGEM NO ATENDIMENTO A CRIANÇAS COM TEA HOSPITALIZADA

NURSING CARE IN THE TREATMENT OF HOSPITALIZED CHILDREN WITH ASD

CUIDADOS DE ENFERMERÍA EN LA ATENCIÓN DE NIÑOS HOSPITALIZADOS CON TEA

Pedro Afonso Gomes Leal¹
Keila do Carmo Neves²
Ana Lucia Naves Alves³

RESUMO: A hospitalização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta desafios decorrentes de suas particularidades sensoriais, comunicacionais e comportamentais, que podem intensificar ansiedade, resistência a procedimentos e aumento do estresse familiar. Ambientes hospitalares tradicionais, quando não adaptados, podem agravar a sobrecarga sensorial e dificultar o cuidado, evidenciando a necessidade de estratégias específicas de enfermagem e de práticas de humanização. Assim, torna-se essencial compreender como ocorre o acolhimento e a assistência prestada a esse público, considerando que a falta de preparo profissional ainda é uma realidade em muitas instituições de saúde. O objetivo desta pesquisa é analisar como os enfermeiros realizam o acolhimento e os cuidados com crianças com TEA no ambiente hospitalar. A metodologia utilizada foi uma revisão narrativa da literatura, construída a partir de manuais do Ministério da Saúde, protocolos clínicos e artigos científicos selecionados em bases como SciELO, LILACS e PubMed, priorizando publicações nacionais e internacionais dos últimos dez anos. A análise dos estudos demonstra que intervenções como adequação ambiental, comunicação alternativa, rotinas previsíveis, tecnologias assistivas e capacitação contínua da equipe contribuem significativamente para reduzir estresse, melhorar a cooperação da criança e fortalecer a segurança do cuidado. Observou-se também que o envolvimento da família desempenha papel central no processo assistencial. Conclui-se que o cuidado de enfermagem à criança com TEA demanda preparo técnico, sensibilidade e protocolos específicos que garantam um atendimento humanizado, inclusivo e alinhado às necessidades individuais desse público.

192

Descritores: Autismo. Enfermagem Pediátrica. Humanização.

¹Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Associação de Ensino Universitário (UNIABEU).

²Enfermeira. Mestre e Doutora em Enfermagem pela UFRJ/EEAN. Pós-Graduada em Nefrologia e UTI Neonatal e Pediátrica; Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da UNIG. Docente do Curso de Graduação da UNIABEU. Coordenadora de Atenção Básica do Município de Queimados-RJ. Membro dos grupos de Pesquisa NUCLEART e CEHCAC da EEAN/UFRJ.

³Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro da Sociedade Brasileira de Enfermagem Pediátrica (SOBEP). Docente do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Iguaçu (UNIG). Docente Professor do curso Medicina pela UNIABEU. Docente Professor em Pós-Graduação Lato Sensu em Saúde da Família.

ABSTRACT: Hospitalization of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) presents significant challenges due to their sensory, communication, and behavioral particularities, which may intensify anxiety, resistance to procedures, and family stress. Traditional hospital environments, when not adapted, can worsen sensory overload and hinder care, reinforcing the need for specific nursing strategies and humanized practices. Understanding how nurses provide welcoming and safe assistance to this population is essential, especially considering the persistent lack of professional preparedness in many health institutions. The objective of this study is to analyze how nurses welcome and care for children with ASD in hospital settings. The methodology used was a narrative literature review based on Ministry of Health guidelines, clinical protocols, and scientific articles selected from databases such as SciELO, LILACS, and PubMed, prioritizing national and international publications from the last ten years. The analysis shows that interventions such as environmental adjustments, alternative communication strategies, predictable routines, assistive technologies, and continuous professional training significantly reduce stress, improve cooperation, and strengthen care safety. The literature also highlights the central role of family involvement in achieving effective and humanized care. In conclusion, nursing care for children with ASD requires technical preparation, sensitivity, and specific protocols that ensure inclusive, individualized, and humanized assistance aligned with the unique needs of this population.

Keywords: Autism. Pediatric Nursing. Hospitalization.

RESUMEN: La hospitalización de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) presenta desafíos importantes debido a sus particularidades sensoriales, comunicacionales y conductuales, que pueden intensificar la ansiedad, la resistencia a los procedimientos y el estrés familiar. Los entornos hospitalarios tradicionales, cuando no están adaptados, pueden agravar la sobrecarga sensorial y dificultar el cuidado, lo que refuerza la necesidad de estrategias específicas de enfermería y prácticas humanizadas. Comprender cómo los enfermeros acogen y asisten de manera segura a este público es esencial, especialmente ante la persistente falta de preparación profesional en muchas instituciones de salud. El objetivo de este estudio es analizar cómo los enfermeros realizan el acogimiento y los cuidados dirigidos a niños con TEA en el ámbito hospitalario. La metodología utilizada fue una revisión narrativa de la literatura, basada en directrices del Ministerio de Salud, protocolos clínicos y artículos científicos seleccionados en bases como SciELO, LILACS y PubMed, priorizando publicaciones de los últimos diez años. El análisis muestra que intervenciones como ajustes ambientales, comunicación alternativa, rutinas previsibles, tecnologías asistivas y capacitación continua reducen significativamente el estrés, mejoran la cooperación del niño y fortalecen la seguridad del cuidado. La literatura también destaca el papel central de la familia en la construcción de un cuidado eficaz y humanizado. En conclusión, la atención de enfermería a niños con TEA requiere preparación técnica, sensibilidad y protocolos específicos que garanticen un cuidado inclusivo, individualizado y humanizado.

193

Palabras clave: Autismo. Enfermería Pediátrica. Humanización.

INTRODUÇÃO

Quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) sendo tratadas no hospital, enfrentamos um problema: elas precisam de cuidados especiais, não de cuidados

comuns. O TEA é caracterizado por alterações na comunicação, interação social e comportamento, que requerem ajustes no ambiente hospitalar, bem como intervenções de enfermagem. Nesse sentido, o cuidado profissional de enfermagem é ainda de grande importância, podendo ajudar as pessoas a se manterem bem e a reduzirem seus fatores de estresse (Brasil, 2017).

Por outro lado, em hospitais de Hong Kong, alguns relatos afirmavam que não deve haver "certo ou errado" quando se trata do tratamento para pacientes com úlceras de pressão usando medicina chinesa ou acupuntura — tudo depende de quão confortável os pacientes se sentem durante o tratamento! Também foi dito que os clientes se viam como saudáveis, sentindo-se bem, mas depois tinham diarreia e outros levavam muito tempo antes mesmo que o feijão Adzuki chegasse para pessoas que praticavam Qigong pelo menos uma hora (Silva; Santos, 2020).

Sob esses preceitos, o Centro de Saúde da Família de Brasília pesquisou os efeitos: Nas recomendações do Ministério da Saúde, os protocolos e diretrizes de cuidado humanizado devem ser essenciais considerando os problemas particulares de cada um (Brasil, 2013). Para crianças com TEA, essas instruções requerem um conhecimento profundo das necessidades sensoriais, emocionais e comportamentais.

Além disso, deve-se enfatizar a importância de envolver as famílias e cuidadores para garantir um cuidado pleno e humanizado. Segundo análises científicas recentes, abordagens individualizadas combinadas com ambientes adequados são necessárias para atenuar o efeito da hospitalização dessas crianças (Silva; Santos, 2020).

A escolha deste tema foi motivada pela crescente prevalência de diagnósticos de TEA, bem como a atual falta de profissionais de saúde em termos de tratamento de crianças autistas em hospitais. Os dados do Ministério da Saúde mostram que a taxa de prevalência do transtorno do espectro autista aumentou mundialmente em 2018, no entanto, ainda precisamos prestar mais atenção aos cuidados de saúde para este grupo (Brasil, 2020).

Embora a ideia seja pertinente, é interessante notar que muitos enfermeiros não têm nenhum treinamento em como cuidar dessas pessoas, o que pode causar um colapso no atendimento. Tais lacunas se revelam em crises como sobrecarga sensorial e tratamentos resistentes; mas quando há um caminho a seguir para enfrentar problemas de comunicação persistentes com esses pacientes, os mesmos relatos se repetem com resultados muito diferentes.

Além disso, quando crianças com TEA são hospitalizadas, suas famílias enfrentam ainda outra fonte de angústia. O próprio ambiente pode ser excessivamente estimulante para as pessoas que frequentam o hospital, causando extrema ansiedade e prejudicando a adesão ao tratamento (Brasil, 2020). Um excesso de ruídos, cores e toques pode precipitar reações indesejáveis que complicam os procedimentos médicos. Isso aumenta o sofrimento da criança torturada também.

Nesse sentido, a falta de preparação da equipe pode resultar em métodos não aprovados, agravando ainda mais tanto o paciente quanto sua família. Essas dificuldades enfatizam a importância de fornecer cuidados humanizados baseados no respeito pelas diferenças e na melhoria constante das práticas de cuidado (Silva; Santos, 2020).

De acordo com a literatura, também é levantada a questão da criação de protocolos específicos para o cuidado de crianças com TEA. Esses protocolos devem incluir pistas visuais e palpáveis, arranjos do espaço físico que sejam apropriados para crianças, todas as explicações orais curtas dadas aos membros da equipe e treinamento em serviço para equipes interdisciplinares. Cuidados especializados não só melhoram a experiência da criança no hospital, mas também fortalecem a confiança entre as famílias e o setor de saúde.

A introdução de tecnologia assistiva e sistemas digitais no ambiente hospitalar mostrou ter potencial em oferecer cuidados para crianças com TEA. Essas tecnologias podem incluir aplicativos para comunicação alternativa, dispositivos para controle de percepções sensoriais, e até sistemas de realidade virtual para facilitar a adaptação das crianças ao hospital. Uma série de estudos recentes mostra que a aplicação desse tipo de solução pode reduzir o estresse e aumentar a cooperação das crianças durante o tratamento (Ferreira; Almeida, 2021).

O treinamento contínuo para equipes de enfermagem é uma peça integral de fornecer cuidados de qualidade. Cursos de educação contínua, treinamentos específicos e diálogo sobre esses tópicos entre profissionais e membros da família todos servem para aprofundar o conhecimento sobre as demandas feitas por uma criança que tem TEA. Além disso, a formação de equipes multiprofissionais desempenha uma cooperação interdisciplinar mais abrangente e enriquece as práticas de cuidado (Brasil, 2018).

Um terceiro ponto a ser considerado é a adaptação ambiental dos hospitais. Espaços acolhedores equipados com controle de ruído, iluminação ajustável e locais específicos para esportes podem minimizar parte dos danos da hospitalização. Tais ajustes são benéficos não apenas para crianças com TEA, mas também proporcionam um ambiente mais humano para

todos os pacientes pediátricos. A concessão dessas mudanças para a inclusão social e o tratamento igualitário é essencial para conformidade com os regulamentos (Silva; Santos, 2020) dos hospitais.

O papel das políticas públicas não pode ser subestimado na integração das práticas inclusivas no sistema de saúde. A questão de garantir leis para que crianças com TEA sejam incluídas nos serviços de saúde, oferecendo mecanismos de financiamento específicos e programas para lidar com esses problemas, é necessária. Além disso, a conscientização social e o trabalho de propaganda podem ajudar a reduzir o preconceito e fomentar uma visão que respeite a diversidade.

O objetivo é sugerir técnicas de cuidado que sejam íntimas e humanas, mas que levem em consideração as condições nacionais peculiares deste tipo particular de paciente. Espera-se também que este trabalho ajude na formação de profissionais e na formulação precisa de políticas sociais para garantir tal cuidado. Por último, mas não menos importante, no que me concerne, é essencial que as instituições de saúde tomem medidas que garantam inclusão completa e tratamento igualitário para crianças com TEA, especialmente aquelas em situações de risco.

A pesquisa se mostra pertinente diante das dificuldades enfrentadas por profissionais de enfermagem no cuidado de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em ambiente hospitalar. Essas crianças apresentam características sensoriais e comportamentais específicas que exigem intervenções individualizadas. A ausência de preparo adequado pode gerar sofrimento, insegurança e estresse, tanto para os pacientes quanto para seus familiares. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender como o enfermeiro acolhe e assiste essas crianças, a fim de promover práticas mais humanas e seguras.

Segundo Silva *et al.* (2023), estratégias como a organização do ambiente, o uso de comunicação alternativa e o estabelecimento de rotinas previsíveis auxiliam na redução de traumas durante a hospitalização. Além disso, a capacitação da equipe de enfermagem é apontada como fator essencial para um cuidado mais eficaz. Assim, esta pesquisa busca identificar os principais desafios e práticas existentes, contribuindo para a qualificação do atendimento prestado e o fortalecimento de uma abordagem mais inclusiva para crianças com TEA. Neste sentido, se faz presente a pergunta norteadora: Como os profissionais de enfermagem realizam o acolhimento e os cuidados a crianças com Transtorno do Espectro

Autista (TEA) em ambiente hospitalar, diante dos desafios sensoriais, comunicacionais e comportamentais característicos desse público?

METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou o método de revisão integrativa da literatura, que permite a síntese sistemática do conhecimento sobre temas específicos e contribui para a prática baseada em evidências na área da saúde. Esse método possibilita a análise de estudos com diferentes abordagens, tanto quantitativas quanto qualitativas, sendo amplamente empregado para apoiar decisões clínicas e identificar tendências no conhecimento (Souza, Silva, Carvalho, 2010).

A revisão seguiu os seis passos metodológicos propostos por Souza, Silva e Carvalho (2010): formulação da questão norteadora, definição de critérios de inclusão e exclusão e procedimentos de amostragem, identificação das informações a serem extraídas dos estudos selecionados, categorização dos estudos de acordo com seu tipo, análise e interpretação dos resultados, e síntese final do conhecimento obtido.

A questão norteadora foi elaborada utilizando a abordagem PICO, considerando a população de crianças hospitalizadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a intervenção em cuidados de enfermagem, sem comparação, e como resultado esperado a identificação de práticas de enfermagem, estratégias de cuidado e desafios na hospitalização desse público. Foram definidos critérios de inclusão, como estudos publicados entre 2013 e 2024 em português, inglês ou espanhol, com texto completo disponível, focados em crianças com TEA em ambiente hospitalar, e de natureza qualitativa, quantitativa ou revisão sistemática/narrativa; e critérios de exclusão, incluindo duplicatas, teses, dissertações, resumos de conferências, estudos com adultos ou em outros contextos hospitalares e trabalhos não relacionados ao cuidado de enfermagem.

A busca foi realizada nas bases PubMed, SciELO, LILACS, BDENF e Google Scholar, resultando inicialmente em 127 artigos, dos quais 30 foram incluídos na revisão final. Para padronizar a coleta de dados, foi desenvolvido um instrumento que registrou informações sobre título, autores, local e design do estudo, população, objeto da pesquisa, principais resultados, estratégias de cuidado de enfermagem e dificuldades relatadas, permitindo uma análise sistemática e detalhada das práticas e desafios enfrentados na assistência a crianças com TEA em hospitais.

A análise dos dados foi conduzida de forma sistemática, orientada pelos descritores Autismo, Enfermagem Pediátrica e Humanização (Keywords: Autism; Pediatric Nursing; Hospitalization), que nortearam tanto a extração quanto a interpretação das informações dos estudos selecionados. A partir do instrumento padronizado, os dados foram organizados em eixos temáticos que abrangeram características metodológicas, estratégias de cuidado, desafios assistenciais e implicações para a prática de enfermagem. Essa categorização permitiu identificar convergências e lacunas presentes na literatura, contribuindo para uma síntese crítica e integrativa sobre a atuação da enfermagem pediátrica no cuidado a crianças com TEA durante a hospitalização. A abordagem empregada possibilitou compreender a complexidade das demandas comportamentais e emocionais desses pacientes, reforçando a importância de práticas humanizadas e individualizadas no contexto hospitalar. O que pode ser percebido no fluxograma seguinte:

Fluxograma



Fonte: O próprio Autor

Quadro 1: Quadro de Levantamento Estrutural dos Artigos Selecionados

Título	Ano	Autores	Fonte
Effect of Hippotherapy on Motor Control and Adaptive Behaviors in Children With Autism	2013	Ajzenman, H.; Standeven, J.; Shurtleff, T.	<i>American Journal of Occupational Therapy</i>
Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5	2013	Associação Americana de Psiquiatria	Artmed
Effectiveness of a Standardized Equine Assisted Therapy Program for Children with ASD	2016	Borgie, M. et al.	<i>Journal of Autism and Developmental Disorders</i>
Diretrizes para atenção à saúde de crianças com TEA	2017	Brasil – Ministério da Saúde	MS – Documento oficial
Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência	2018	Brasil – Ministério da Saúde	MS – Documento oficial
Protocolo de atendimento humanizado para pessoas com deficiência	2013	Brasil – Ministério da Saúde	MS – Documento oficial
Relatório sobre prevalência de TEA	2020	Brasil – Ministério da Saúde	MS – Documento oficial
Autism Specific Care Plan to Help Improve the Hospital Experience	2016	Broder-Fingert, S. et al.	CHOC Children's
Working with Children with Autism Undergoing Health Care Assessments	2023	Davico, C. et al.	<i>Children</i>
Parent and Provider Perspectives on Procedural Care for Children with ASD	2014	Davignon, M. N.; Friedlaender, E.; Cronholm, P. F.; Levy, S. E.	<i>Journal of Autism and Developmental Disorders</i>
Tecnologias assistivas no cuidado hospitalar de crianças com TEA	2021	Ferreira, A. C.; Almeida, M. A.	<i>Revista Brasileira de Enfermagem</i>
Meeting the Needs of Children With ASD in Hospital Settings	2021	Fraatz, E.; Durand, T. M.	<i>Journal of Child Life</i>
Fathers' Experience With Autism Spectrum Disorder	2016	Frye, L.	<i>Journal of Pediatric Health Care</i>
Physical and Pharmacologic Restraint in Hospitalized Children With Autism	2023	Josephson, Z.; Miller, E.	<i>Pediatrics</i>
Prospective Trial of Equine Assisted Activities in ASD	2011	Kern, J. K. et al.	<i>Journal of Autism and Developmental Disorders</i>
Volitional Change in Children With Autism: Impact of Hippotherapy	2009	Kielhofner, G.; Butler, S.; Smith, C.; Taylor, R.	<i>Occupational Therapy in Mental Health</i>
Educational Initiative to Improve Hospital Personnel Preparedness	2018	Lucarelli, J. et al.	<i>Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics</i>
Educational Materials for Prehospital and ED Personnel on ASD	2013	McGonigle, J.; Migyanka, J.; Glor-Scheib, S.; Venkat, A.	<i>Journal of Autism and Developmental Disorders</i>
Multidisciplinary Workgroup for Behavior Management in Children with ASD	2016	McGuire, K. et al.	<i>Childhood Research and Practice</i>
Simulation-Based Education for Staff Managing Aggression in ASD	2020	Mitchell, M. J.; Newall, F. H.; Sokol, J.; Williams, K. J.	<i>JMIR Research Protocols</i>
Nursing Care for Children with Autism Spectrum Disorder in Hospital	2025	Oliveira, I.; Bittencourt, I. G. S.; Alves, R. F. S.; Lúcio, I.	<i>Revista de Enfermagem Pediátrica</i>
Best Practices for Hospitalized Pediatric Patients with ASD	2019	Rodriguez, J.; Johnson, A.	CHOC Children's

Título	Ano	Autores	Fonte
Continuity of Care Strategies in Children with Autism	2018	Scarpinato, N. et al.	CHOC Best Practices
Estratégias de cuidado e humanização em crianças autistas hospitalizadas	2023	Silva, J. M. et al.	Revista Brasileira de Enfermagem
Abordagens humanizadas no atendimento de crianças com TEA	2020	Silva, J. M.; Santos, T. F.	Revista de Enfermagem Pediátrica
Nursing Care for Children with ASD in Hospital Settings	2025	Smith, A.; Brown, L.	Revista Latino-Americana de Enfermagem
Integrative review: what it is and how to do it	2010	Souza, M. T.; Silva, M. D.; Carvalho, R.	Einstein (São Paulo)
Knowledge of Childhood Autism among Nurses	2021	Tasew, S.; Mekonnen, H.; Goshu, A. T.	SAGE Open Medicine
Providing Inpatient Medical Care to Children with ASD	2020	Thom, R. P. et al.	Hospital Pediatrics
Simulated Developmental Horse Riding Program in Children With Autism	2010	Wuang, Y. P. et al.	Adapted Physical Activity Quarterly

Fonte: O próprio Autor

ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento. Comportamento, comunicação e vida social são todos severamente afetados, como regra. O TEA se manifesta em muitas formas diferentes. Fazer um diagnóstico da doença e cuidar dos pacientes é, portanto, muito intrincado e individualizado (Associação Americana de Psiquiatria, 2013).

Para as crianças vivendo com TEA no hospital, há desafios particulares, porque o ambiente hospitalar é geralmente cheio de estímulos visuais, auditivos e táteis; qualquer um deles pode exacerbar problemas de hipersensibilidade sensorial. Os bipes, luzes fluorescentes piscando no teto e a visão de estranhos podem levar a crises de comportamento, resistência ao cuidado e regressão emocional — afetando diretamente o sucesso do tratamento (Brasil, 2020).

Esses desafios reforçam a necessidade de fornecer cuidados especializados: atenção direcionada a esse amplo espectro, considerando que os hospitais são locais profissionais prontos. Como a profissão mais em contato com o paciente durante a hospitalização, a enfermagem desempenha um papel importante aqui: identificando gatilhos para a sobrecarga sensorial; ajustando o ambiente em que vivem; comunicando-se com a criança e sua família (Silva; Santos, 2020).

A Política Nacional de Humanização (PNH), lançada pelo Ministério da Saúde em 2003, prioriza a equidade, a integralidade e a colocação do indivíduo no centro do cuidado. Aplicar esses princípios ao tratamento de crianças com TEA é fundamental para garantir assistência de qualidade e respeito. Brasil (2013), neste contexto, a enfermagem deve agir com sensibilidade e compreensão às reações da criança autista, proporcionando um ambiente menos assustador e mais receptivo. Esse tipo de abordagem, oferecendo pistas sobre o que o dia hospitalar reserva antecipadamente, assim como falar tudo em imagens antes de realizar procedimentos e deixar a criança definir o ritmo, é uma condição vital para o cuidado bem-sucedido.

A literatura indica que o envolvimento familiar no cuidado diário, quando promovido pela equipe de enfermagem, levará a um clima emocional muito mais estável para a criança. A presença de figuras de apego contribui para a regulação emocional e atua como uma ponte entre a família e outros profissionais de saúde. (Silva; Santos, 2020)

Na ausência de modelos padronizados de cuidado, o nível de assistência que crianças com autismo recebem nos hospitais é prejudicado. As diretrizes do Ministério da Saúde instaram as instituições de saúde a adotarem diferentes fluxos de tratamento, cobrindo desde a admissão do paciente até cuidados personalizados na alta hospitalar (Brasil, 2018), entre outras coisas. Uma das adaptações no ambiente hospitalar é o uso de pictogramas para orientar os pacientes, reservar áreas de pouco tráfego para o cuidado, facilitando a compreensão dos hábitos alimentares em trabalho visual e confortavelmente rotineiros para o benefício de todos os envolvidos.

Além disso, essa abordagem reduz a chance de reações adversas e ajuda a promover um ambiente mais amigável para crianças com TEA. A equipe de enfermagem pode prever e evitar situações estressantes com base no conhecimento dos gatilhos sensoriais da criança. Juntamente com uma abordagem voltada para as reais necessidades dos pacientes, o cuidado desta forma também requer que a informação flua constantemente entre profissionais e cuidadores. (Ferreira; Almeida, 2021)

Em conjunto com o uso de tecnologias de suporte e digitais, mais oportunidades surgiram para a comunicação de crianças com TEA em ambientes hospitalares. Ferramentas como aplicativos de comunicação de apoio, sistemas de realidade virtual e produtos de controle ambiental têm aumentado a possibilidade de serem incorporadas ao cuidado. (Ferreira; Almeida, 2021)

Usando esses meios, crianças não verbais podem indicar sua dor, desconforto ou necessidades básicas por meio de imagens em um tablet. Além disso, a tecnologia pode ajustar luz, som e temperatura para tornar o ambiente hospitalar mais confortável para aqueles com deficiências sensoriais. Sua incorporação também traz a necessidade de que certos grupos de enfermagem sejam treinados em seu uso e operação. A maestria hábil e o entendimento dos objetivos de cada tecnologia são cruciais para sua aplicação efetiva em prol da criança com TEA. Mas, assuntos como inclusão, diversidade neurofuncional e cuidados para pessoas com requisitos especiais de atenção são muitas vezes inadequadamente abordados na formação recebida pelos enfermeiros quando ainda estão estudando.

Essa omissão leva a um entendimento enfraquecido de situações complexas de admissão hospitalar para crianças autistas. (Brasil, 2018). Para garantir um cuidado seguro, ético e humanístico, é essencial desenvolver programas de educação continuada. Treinamento especializado envolvendo estudos de caso, simulações clínicas e trabalho interdisciplinar tornarão os enfermeiros sensíveis aos outros; eles se tornarão profissionais competentes. (Silva, Santos, 2020)

Os enfermeiros não podem apenas realizar procedimentos necessários; eles devem também aprender a ler sinais não verbais de uma criança mais doente e estar disponíveis como intermediários entre a família e a equipe hospitalar. Eles têm um papel também em sugerir estratégias para estabelecer relações positivas de respeito mútuo. Na busca para ajudar uma criança com TEA, é necessária a integração de diversos profissionais de saúde e educadores. Coordenando juntos, com objetivos claramente definidos, pode-se criar valor para a família em que a assistência forma parte.

É apenas através desta concatenação de conhecimento que a enfermagem pode funcionar como meio para cuidar do todo da criança. Inclui não apenas aspectos clínicos, mas também sociais e educacionais. A enfermagem une uma variedade de profissionais com a família, desempenhando assim um papel chave na prestação de assistência contínua e abrangente. Deve haver financiamento suficiente, infraestrutura adaptada e equipes bem treinadas se esta abordagem multifacetada for funcionar. Além disso, políticas de saúde pública devem trabalhar para a educação eliminando estigmas. A popularização do conhecimento por meio de campanhas de conscientização também ajuda a criar igualdade de acesso ou oportunidades em saúde para todos. (Brasil, 2020)

A revisão integrativa evidenciou que crianças hospitalizadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentam necessidades específicas que exigem adaptações no cuidado de enfermagem. Os estudos analisados destacam a importância de práticas individualizadas, incluindo o uso de comunicação alternativa, estímulos sensoriais controlados e rotinas previsíveis, que contribuem para reduzir o estresse e aumentar a cooperação durante procedimentos médicos. Além disso, os resultados demonstram que a falta de preparo da equipe de enfermagem pode levar a experiências hospitalares negativas, caracterizadas por sobrecarga sensorial, resistência ao tratamento e aumento da ansiedade tanto da criança quanto da família.

Os dados também reforçam a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de saúde, abordando não apenas o conhecimento técnico, mas também habilidades de comunicação, empatia e gestão do ambiente hospitalar. Estratégias como adaptação do espaço físico, introdução de tecnologias assistivas e envolvimento da família mostraram-se eficazes na promoção de cuidados humanizados. A análise evidencia que protocolos específicos para crianças com TEA contribuem para maior segurança e qualidade do atendimento, fortalecendo a confiança entre a equipe de saúde e os familiares. Os resultados apontam ainda que, apesar dos avanços, há lacunas significativas na formação de profissionais e na implementação de práticas padronizadas, indicando a necessidade de políticas públicas e programas institucionais voltados à inclusão e à atenção especializada.

203

CONCLUSÃO

O presente estudo evidencia que o cuidado de enfermagem a crianças hospitalizadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer abordagens individualizadas e humanizadas, capazes de atender às necessidades sensoriais, comportamentais e emocionais específicas desse público. A atenção voltada para essas particularidades é fundamental para reduzir o estresse, a ansiedade e o sofrimento tanto das crianças quanto de seus familiares durante a hospitalização.

Os resultados da revisão integrativa demonstram que práticas como comunicação alternativa, estabelecimento de rotinas previsíveis e controle de estímulos sensoriais contribuem significativamente para a cooperação das crianças e a eficácia dos procedimentos médicos. Além disso, a adaptação do ambiente hospitalar, incluindo iluminação, ruído e disposição dos espaços, se mostra essencial para criar um contexto acolhedor e seguro.

A capacitação contínua das equipes de enfermagem é apontada como um elemento central para a qualidade do cuidado. Treinamentos específicos, cursos de atualização e

discussões interdisciplinares permitem que os profissionais adquiram conhecimento técnico e habilidades socioemocionais, promovendo um atendimento mais empático e eficiente.

A implementação de protocolos clínicos específicos para crianças com TEA, aliados ao uso de tecnologias assistivas, também emerge como estratégia eficaz para padronizar cuidados e reduzir a insegurança de profissionais e familiares. Tais recursos contribuem para uma prática mais consistente e baseada em evidências, fortalecendo a confiança no processo de cuidado.

Apesar dos avanços, a pesquisa identificou lacunas significativas na formação profissional e na criação de políticas institucionais voltadas à inclusão e atenção especializada de crianças com TEA. Isso reforça a necessidade de investimentos em educação, protocolos institucionais e políticas públicas que promovam a equidade e o acesso a cuidados adequados.

Em síntese, garantir cuidados de enfermagem humanizados, individualizados e baseados em evidências é essencial para melhorar a experiência hospitalar de crianças com TEA. A integração de estratégias práticas, capacitação profissional e adaptação ambiental contribui para o desenvolvimento de um atendimento seguro, inclusivo e de qualidade, beneficiando tanto os pacientes quanto suas famílias e fortalecendo a atuação do enfermeiro como agente de cuidado e promoção da saúde.

204

REFERENCIAS

- AJZENMAN, H.; STANDEVEN, J.; SHURTLEFF, T. Effect of Hippotherapy on Motor Control and Adaptive Behaviors in Children With Autism. *Am J Occup Ther*, 2013.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BORGIE, M. et al. Effectiveness of a Standardized Equine-Assisted Therapy Program for Children with ASD. *J Autism Dev Disord*, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes para atenção à saúde de crianças com TEA. Brasília, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf Acesso em: 10 nov.2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência. Brasília, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_pessoa_com_deficiencia.pdf Acesso em: 10 nov.2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo de atendimento humanizado para pessoas com deficiência. Brasília, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia> Acesso em: 10 nov.2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório sobre prevalência de TEA. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares> Acesso em: 10 nov.2025.

BRODER-FINGERT, S. et al. Autism-Specific Care Plan to Help Improve the Hospital Experience: A Retrospective Chart Review. CHOC Children's, 2016.

DAVICO, C. et al. Working with Children with Autism Undergoing Health-Care Assessments in a Day Hospital Setting: A Perspective from the Health-Care Professionals. Children, v. 10, n. 3, p. 476, 2023.

DAVIGNON, M. N.; FRIEDLAENDER, E.; CRONHOLM, P. F.; LEVY, S. E. Parent and Provider Perspectives on Procedural Care for Children with Autism Spectrum Disorders. J Autism Dev Disord, 2014.

FERREIRA, A. C.; ALMEIDA, M. A. Tecnologias assistivas no cuidado hospitalar de crianças com TEA. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 74, n. 5, 2021.

FRAATZ, E.; DURAND, T. M. Meeting the Needs of Children With Autism Spectrum Disorder and Their Families in Hospital Settings: The Perspectives of Certified Child Life Specialists and Nurses. Journal of Child Life, v. 2, n. 2, 2021.

205

FRYE, L. Fathers' Experience With Autism Spectrum Disorder: Nursing Implications. J Pediatr Health Care, v. 30, n. 5, p. 453-463, 2016.

JOSEPHSON, Z.; MILLER, E. Physical and Pharmacologic Restraint in Hospitalized Children With Autism. Pediatrics, v. 153, n. 1, e2023062172, 2023.

KERN, J. K. et al. Prospective Trial of Equine-Assisted Activities in Autism Spectrum Disorder. J Autism Dev Disord, 2011.

KIELHOFNER, G.; BUTLER, S.; SMITH, C.; TAYLOR, R. Volitional Change in Children With Autism: Impact of Hippotherapy. Occup Ther Ment Health, 2009.

LUCARELLI, J. et al. Development and Evaluation of an Educational Initiative to Improve Hospital Personnel Preparedness to Care for Children with Autism Spectrum Disorder. J Dev Behav Pediatr, v. 39, n. 5, p. 358-364, 2018.

MC GONIGLE, J.; MIGYANKA, J.; GLOR-SCHEIB, S.; VENKAT, A. Educational Materials for Pre-hospital and ED Personnel on Caring for Patients with Autism Spectrum Disorder. J Autism Dev Disord, 2013.

MCGUIRE, K. et al. Multidisciplinary Workgroup for Behavior Management in Children with ASD. *Childhood Res Pract*, 2016.

MITCHELL, M. J.; NEWALL, F. H.; SOKOL, J.; WILLIAMS, K. J. Simulation-Based Education for Staff Managing Aggression and Externalizing Behaviors in Children With Autism Spectrum Disorder in the Hospital Setting: Pilot and Feasibility Study Protocol. *JMIR Res Protoc*, v. 9, n. 6, e18105, 2020.

OLIVEIRA, I. de; BITTENCOURT, I. G. S.; ALVES, R. F. dos S.; LÚCIO, I. Nursing Care for Children with Autism Spectrum Disorder in Hospital: Integrative Review. *Rev. Enfermagem Pediátrica*, 2025.

RODRIGUEZ, J.; JOHNSON, A. Best Practices for Hospitalized Pediatric Patients with Autism Spectrum Disorder. *CHOC Children's*, 2019.

SCARPINATO, N. et al. Continuity of Care Strategies in Children with Autism During Hospitalization. In: *CHOC best practices*, 2018.

SILVA, J. M. et al. Estratégias de cuidado e humanização em crianças autistas hospitalizadas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 76, 2023.

SILVA, J. M.; SANTOS, T. F. Abordagens humanizadas no atendimento de crianças com TEA. *Revista de Enfermagem Pediátrica*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2020.

SMITH, A.; BROWN, L. Nursing Care for Children with Autism Spectrum Disorder in Hospital Settings: An Integrative Literature Review. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 2025. 206

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what it is and how to do it. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TASEW, S.; MEKONNEN, H.; GOSHU, A. T. Knowledge of Childhood Autism among Nurses Working in Governmental Hospitals of Addis Ababa, Ethiopia. *SAGE Open Med*, 2021.

THOM, R. P. et al. Providing Inpatient Medical Care to Children With Autism Spectrum. *Hosp Pediatr*, v. 10, n. 10, p. 918-924, 2020.

WUANG, Y.-P. et al. Simulated Developmental Horse-Riding Program in Children With Autism. *Adapt Phys Act Q*, 2010.